



A LUTA ANTICAPACITISTA NA UNICAMP

Palavras-Chave: ANTICAPACITISMO, MOVIMENTO ESTUDANTIL, PESSOAS-COM-DEFICIÊNCIA

Autores(as):

ANA LUÍSA LEANZA, FE – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN (orientadora), FE - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A chegada dos estudantes autistas na universidade ainda acontece em pequeno número. De acordo com dados da COMVEST¹ (Comissão Permanente para os Vestibulares), de 2018 a 2023 apenas 5 candidatos autistas se inscreveram no vestibular da Unicamp e dentre eles apenas 2 se matricularam na universidade². Diferentes autores, como Brilhante (2021), Olivati; Leite (2019), Kim; Baczweski; Pizzano (2022), Rosa; Matsukura; Squassoni (2019) e Melo; Constant; Ferreira (2023), têm investigado o motivo da baixa inserção e permanência dos estudantes autistas no ensino superior regular. São trabalhos que se mostram preocupados em conhecer os principais obstáculos encontrados por esses sujeitos, tais como a falta de preparo dos docentes e o desconhecimento sobre o autismo, a dificuldade em conseguir acomodações, a exclusão social, etc. Estes trabalhos servem de inspiração para essa pesquisa e com a chegada da greve estudantil de 2023 na Unicamp, a criação do Coletivo Anticapacitista Adriana Dias e a pauta das cotas para pessoas com deficiência, a necessidade de representar a luta anticapacitista em sua totalidade na universidade se faz presente, por isso, esse projeto se expande, buscando entrevistar e analisar a realidade de pessoas com deficiências diversas, não somente autistas, na Unicamp. Com esta pesquisa, buscamos compreender os desafios que esses sujeitos enfrentam em sua jornada cotidiana e o apoio que se faz necessário para garantir a sua permanência e conclusão do curso de graduação. Para tanto, foram entrevistados 03 integrantes do COAAD (Coletivo Anticapacitista Adriana Dias), com o intuito de, através de suas histórias de vida, compreender o processo da organização do movimento pela luta dos direitos das pessoas com deficiência da Unicamp. Além disso, acompanhamos as publicações do grupo nas redes sociais e analisamos outros documentos, a partir da metodologia da História Oral.

¹ Informação obtida através de troca de emails com a COMVEST.

² É importante ressaltar que nem todas as pessoas autistas optam pela solicitação de medidas acomodativas no vestibular, ou seja, os dados obtidos pela COMVEST contemplam apenas a parcela de pessoas autistas que compartilharam essa informação no momento da inscrição para o vestibular.

METODOLOGIA:

Durante minha participação na matéria de Estudo e Produção Acadêmica no curso de Pedagogia da Unicamp, uma das avaliações da disciplina foi a criação de uma resenha de artigo científico de nossa escolha, acabei escolhendo “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas’ de Brilhante (2021). Com a leitura desse artigo, me vi adentrando no cenário da produção de estudos acadêmicos sobre jovens adultos com deficiência e o modo que esses estudos são realizados, contemplando ou não as vozes e experiências do sujeito com deficiência. Conversando com minha professora dessa matéria e minha orientadora, Dirce Zan, chegamos a conclusão que a metodologia a ser utilizada nessa pesquisa deveria ser uma que possibilitasse que os sujeitos tivessem o protagonismo.

A metodologia utilizada neste projeto de iniciação científica foi a da História Oral. Essa metodologia tem sido utilizada como um meio de aproximação do pesquisador com os sujeitos, principalmente com aqueles que constituem os grupos minoritários, pouco elucidados a partir das pesquisas acadêmicas, como é o caso dos jovens com deficiência.

A escolha dessa metodologia se deu pelo seu caráter de construção de uma narrativa pessoal, sendo um trabalho conjunto entre pesquisador e sujeito. Desta forma, me permitiu focar nas questões do dia a dia dos entrevistados, estabelecendo um diálogo com maiores detalhes, podendo levantar questões desconhecidas previamente. Para tanto foram entrevistados os jovens que estão envolvidos na construção do Coletivo Anticapacitista Adriana Dias e da luta anticapacitista aqui na Unicamp, buscando reconstruir a história deste grupo e suas principais ações. Durante as entrevistas, o roteiro utilizado foi o seguinte:  Roteiro entrevista (ic)

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

As entrevistas foram conduzidas com uma pessoa não-binária, uma mulher cis e um homem cis, todos na faixa dos 25-35 anos e estudantes de graduação da Unicamp. Os entrevistados foram uma pessoa autista e duas pessoas com deficiências físicas distintas. Duas das entrevistadas relataram terem vindo de famílias de classe média e sempre terem frequentado escolas particulares, enquanto um dos entrevistados relatou ter vindo de uma família com dificuldades financeiras, sempre tendo estudado em escolas públicas. Durante as entrevistas, foram evidenciadas pelos sujeitos dificuldades em relação a sua condição de pessoa com deficiência e estudante na Unicamp, sendo as principais dificuldades: a solidão no campus devido a falta de uma comunidade, dificuldade em finalizar trabalhos ou assistir às aulas devido a ausência de acomodações e a negação de professores e da gestão em atender as acomodações dos discentes.

A primeira dificuldade comentada nas entrevistas é a falta de pertencimento, ou seja, os sujeitos não se enxergam em seus pares. Esse fenômeno é refletido no texto de Kim *et al.* (2022), que ressalta como a inclusão no campus depende de fatores como a recepção dos outros discentes. Ou seja, duas das entrevistadas comentam que, ao entrarem na universidade e não se depararem com um grupo de pessoas com deficiência no qual elas poderiam ser acolhidas e compreendidas, não se sentiram verdadeiramente pertencentes ao espaço que estavam ocupando. O outro entrevistado comenta ter sofrido situações de capacitismo pelos seus colegas sem deficiência e como isso o fez se sentir alheio ao ambiente universitário. As demais dificuldades, a falta de acomodações e, quando elas existiam, o eventual desrespeito do direito dos sujeitos à essas acomodações denotam um problema estrutural na gestão da universidade. Visto que, estas situações estão em desacordo com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência que prevê a garantia de acesso à educação inclusiva em todos os níveis, desde o acesso, participação, permanência e o aprendizado. Para tanto é reconhecida a possível necessidade, e obrigatoriedade de oferta se a necessidade se apresentar, de acomodações para pessoas com deficiência em qualquer etapa da sua escolaridade (Brasil, 2015).

Sobre a organização da luta anticapacitista por meio de um coletivo, é importante entender o que é um coletivo. De acordo com Gohn (2022), podemos caracterizar os coletivos como uma nova forma de se engajar politicamente com questões do ativismo social urbano, incluindo a horizontalidade das lideranças e o uso de nomenclaturas que fogem de imaginários hierárquicos, como “rodas de conversa” ao invés de “debates”. Especificamente no ambiente universitário, a popularização dos coletivos evidencia a mudança no corpo estudantil provocada após as políticas de cotas, com a criação de coletivos feministas, negros e LGBTQIA+ demonstrando a diversidade e as demandas dos discentes atuais. Os entrevistados comentam sobre a importância de que demais estudantes, não membros do COAAD (coletivo do qual fazem parte) e pessoas sem deficiência, participem das reuniões e assembléias sobre as pautas anticapacitistas na faculdade juntos dos estudantes com deficiência.

CONCLUSÕES:

Após a análise das entrevistas e em diálogo com bibliografia lida para essa pesquisa, fica claro que o acesso de pessoas com deficiência no ensino superior ainda acontece em pequenos números. Mas esses números, esses sujeitos, estão no ambiente universitário e são tão pertencentes a ele quanto qualquer outro discente. A representação que eles encontram em seus pares ainda é de difícil acesso, os coletivos de pessoas com deficiência são recentes, mas é possível perceber a vontade e a necessidade que os sujeitos com deficiência da Unicamp têm de ocupar o campus. A tendência, como exemplifica Gohn (2022), é que com a conquista das cotas para pessoas com deficiência na Unicamp, esses espaços de troca e de luta anticapacitista irão aumentar, com a entrada de mais discentes com deficiência a demanda por seus direitos, por meio dos coletivos, será maior.

Essa demanda é necessária e urgente, já que durante as entrevistas a falta de acomodações e de respeito a essas acomodações foi evidenciada. Com o influxo de novos ingressantes com deficiência na Unicamp, a universidade deve se tornar mais atenta às necessidades desses sujeitos, garantindo que a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015) seja respeitada, tanto pela gestão, docentes e demais discentes. A comunidade acadêmica deve ouvir os sujeitos com deficiência do campus e, junto deles, atuar na luta pelos direitos das pessoas com deficiência e proporcionar que a Unicamp se torne um ambiente cada vez mais inclusivo e anticapacitista.

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL, Lei Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015.
- BRILHANTE, A. V. M. et al.. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 2, p. 417–423, fev. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.40792020>> Acesso em 19 abr. 2024.
- GOHN, M. G.. **Ativismos no Brasil: Movimentos Sociais, Coletivos e Organizações Cívicas. Como Impactam e Por Que Importam?**. Petrópolis: Vozes, 2022.
- KIM, S. A. et al. Discrimination and Harassment Experiences of Autistic College Students and Their Neurotypical Peers: Risk and Protective Factors. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 53, n. 12, p. 4521-4534, set. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10803-022-05729-2>> Acesso em 19 abr. 2024.
- MELO, S. C.; CONSTANT, E.; FERREIRA, A. T. ACESSO E PERMANÊNCIA DE PESSOAS COM AUTISMO NO ENSINO SUPERIOR. **Revista Teias**, Rio de Janeiro , v. 24, n. 73, p. 112-128, abr. 2023 . Disponível em <<https://doi.org/10.12957/teias.2023.74128>>. Acesso em 20 abr. 2024. Epub 24-Ago-2023.
- OLIVATI, A. G.; LEITE, L. P.. Experiências Acadêmicas de Estudantes Universitários com Transtornos do Espectro Autista: uma Análise Interpretativa dos Relatos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 4, p. 729–746, out. 2019. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000400012>>. Acesso em 19 abr. 2024.
- ROSA, F. D.; MATSUKURA, T. S.; SQUASSONI, C. E.. Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 2, p. 302–316, abr. 2019. <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1845>>. Acesso em 19 abr. 2024.